

EDITORIAL

Mais um 25 de julho, mais uma edição da **Revista Em Favor de Igualdade Racial (Refir)**, em mais um **Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra**. Essa data de publicação não é por acaso, nada na luta antirracista é por acaso, é justamente no sentido de abrilhantar ainda mais essa data tão importante para os diversos movimentos negros, sobretudo de mulheres negras, do sul global. Nesse sentido temos a incumbência de comemorar essa data importante, pois sabemos que é fruto da luta antirracista de grandes mulheres pela sobrevivência em uma sociedade misógina, machista e sobretudo racista.

É um dia em que podemos celebrar a vida de tantas, como Tereza de Benguela, Conceição Evaristo, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Nilma Lino Gomes, Francia Marques, Marina Silva, Madame Satã, Elza Soares e tantas outras.

E como parte dessa comemoração a Refir tem a grande honra em publicar mais uma edição, a 14ª edição, em seu volume 6, número 2, trazendo consigo 15 publicações que muito contribuirão na luta antirracista, em prol de uma sociedade que tenha em sua essência a justiça social, um ambiente equânime e livre das mazelas impostas pelo racismo, assim, seguindo em direção a igualdade de existência, material e possibilidades.

O trabalho que abre essa edição é intitulado *Relatório Figueiredo e Necropolítica: da política de proteção ao genocídio indígena*, desenvolvido por *Aline Nóbrega de Oliveira*, em que nos levar a refletir acerca da violência estatal contra as populações originárias por meio do famoso Relatório Figueiredo, no caso específico da etnia Cinta Larga, utilizando-se do conceito de Necropolítica, de Achille Mbembe, problematizando a relação entre poder e morte como objeto de gestão, realizando um paralelo entre a política de morte e o extermínio indígena.

O segundo texto intitulado *O Cabelo como Forma de Expressão da Identidade Negra*, de autoria *Anderson de Oliveira, Bárbara Betânia dos Santos e Nayara Rios Cunha Salvador*, nos apresenta uma reflexão sobre a valorização das expressões da negritude, sobretudo das mulheres negras, ressaltando a importância de denunciar o racismo existente na sociedade brasileira e o papel da escola na construção de uma sociedade antirracista. Na sequência temos o trabalho de *Erivelton Pessin e Claudete Beise Ulrich*, intitulado *Antropologia da Religião: a construção da antropologia no Brasil e religiões afro-brasileiras*, objetivando de compreender a construção da antropologia da religião no Brasil e seus estudos a respeito das religiões afro-brasileiras, observando que a antropologia da

religião passou por fases diversas nos estudos sobre as religiões afro-brasileiras, sendo cada uma delas caracterizadas por aspectos que marcaram as respectivas épocas.

Francisca Cibele da Silva Gomes, vem trazendo como objeto estudo, as representações do feminino negro no conto Luamanda de Conceição Evaristo, suas interpretações e os contextos formulados pela personagem, descrevendo a performance literária empreendida pela autora, especificando as representações do feminino advindas das narrativas evaristianas e apresentando os discursos expelidos pela personagem, nesse sentido a autora ressalta que as narrativas evaristianas são manifestações de denúncias e desconstrução das representações construídas em torno das mulheres negras, no artigo intitulado “*Luá, Luamanda, Companheira, Mulher*”: representações do feminino no conto Luamanda, de Conceição Evaristo. Uma leitura muito importante para a data de hoje.

O próximo trabalho é de *Gabriela Reis, Waldimiro Maximino Tavares César e Elis Regina Fernandes Alves*, e tem por título *Feminismo Negro e Interseccionalidade em “Precisamos de novos nomes”* (2014), de NoViolet Bulawayo, em que é analisada a obra “Precisamos de novos nomes”, de NoViolet Bulawayo, publicada em 2014, focando a interpelação e os conflitos sofridos pelas personagens negras femininas e periféricas no romance, em uma perspectiva voltada ao movimento feminista negro e à trajetória histórica da mulher negra na sociedade, revelando que mulheres negras e pobres, são vítimas de interpelações como o racismo, a objetificação e a pobreza.

Na sequência temos *Educação Antirracista: um caminho para a garantia de direitos*, com autoria de *Gerusa Faria Rodrigues e Debora Breder*, apresentando resultados parciais de uma pesquisa realizada com jovens negras e negros do ensino médio, da rede pública estadual, na cidade de Petrópolis, em que teve como objetivo compreender de que maneira se constituíam as trajetórias de sucesso destes estudantes.

Logo em seguida temos o artigo de *Gusmão Freitas Amorim, Ensino de História e Decolonialidade: proposta e experiência da escola afro-brasileira Maria Felipa*, refletindo sobre as aproximações entre a ciência da história, o seu ensino e a decolonialidade, releitura crítica de contextos políticos, sociais e históricos da América Latina, das estruturas de poder e saber que herdamos do antigo sistema colonial cujas lógicas ainda dominam nossa contemporaneidade, analisando a proposta educacional da Escola Afro-Brasileira Maria Felipa, fundada em 2018, em Salvador, na Bahia, que organiza todo o seu currículo — e não somente o do ensino de História — a partir de uma perspectiva decolonial.

A UFBA no combate às fraudes nas Cotas Étnico-Raciais e a Segurança Jurídica na apuração de fraudes pós-implementação da Comissão Permanente De Heteroidentificação Complementar à Autodeclaração da UFBA(CPHA), de *Ícaro Santana e Rita de Cássia Dias Pereira Alves*, é o próximo texto dessa edição, em que é proposto a compreensão do modo de fazer da Comissão Permanente de Heteroidentificação Complementar à Autodeclaração da UFBA(CPHA), em que busca-se alinhar

as narrativas das representações estudantis articuladas ao envolvimento institucional na universidade sobre a atuação da CPHA na apuração de denúncias de fraudes às cotas étnico-raciais, assim apresentando a interpretação de que a implementação da CPHA na UFBA foi uma conquista tardia garantida pelo envolvimento do Movimento Estudantil na instituição universitária que tem corroborado para o processo de reconhecimento das fraudes às cotas étnico-raciais na universidade.

O próximo artigo é de *José Ítalo dos Santos Nascimento*, *Pega a Dente de Cachorro: mulheres indígenas no Ceará colonial, início do século XVIII*, em que o autor se propõe a analisar a presença de mulheres indígenas em fontes coloniais do século XVIII, mais precisamente na memória colonial do Ceará, a partir de uma carta elaborada por Cristóvão Soares Reimão e encaminhada ao rei Dom João V, descrevendo a situação em que mulheres indígenas estavam sendo furtadas de seus maridos, assim propondo-se fazer uma interlocução com o termo “Pega a Dente de Cachorro?” expressão bastante utilizada na região do Cariri para descrever o furto de mulheres indígenas do mato para um engenho ou fazenda. Ainda temos na sequência, *Laroyê Samba: os valores civilizatórios afro-brasileiros do samba*, de *Juliano Dumani*, refletindo sobre os valores como aspectos do samba, sob a perspectiva do reconhecimento da escola de samba como terreiro e da influência do orixá Exu para demonstrar que mesmo as investidas para industrializar, descaracterizá-lo e embranquecê-lo não são capazes de fazer com que ele perca suas raízes e valores.

No próximo trabalho as autoras *Nathaly Cristina Fernandes*, *Eliane Rose Maio* e *Teresa Kazuko Teruya* propõe-se a descrever o elo existente entre o racismo institucional, necropolítica e a ação policial a partir do filme “O ódio que você semeia (2018)”, que aborda o racismo estrutural e a violência policial contra a população pobre e negra, cujo título é *Necropolítica, Racismo Institucional e Abordagem Policial: uma reflexão a partir do filme "O ódio que você semeia"*.

Olívia Alexsander Gabriel e *Luciano Blasius*, são os autores de *A Afetividade para desconstrução do racismo e da desigualdade afetiva na Educação Infantil*, fomentam a discussão crítica e reflexiva sobre a importância do papel da escola e de como a afetividade pode ser usada como ferramenta contra o racismo na Educação Infantil. Seguindo temos *Branquitude e Umbanda: uma análise dos discursos acerca das cosmovisões umbandistas*, de *Paulo Henrique Prado da Silva*, problematizando os discursos presente na tese “Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos: fundamentos históricos e filosóficos” apresentada no I Congresso do Espiritismo de Umbanda, buscando evidenciar a influência da branquitude na construção das cosmovisões umbandistas e sua história.

Performances Docentes Decoloniais: combates à colonização de si, do conhecimento e da Ciência, de *Ricardo Dias de Castro* e *Claudia Mayorga* é resultante de uma pesquisa que investigou como docentes da

UFMG são capazes de produzir saberes e fazeres que decolonizam o conhecimento, ciência e a sociedade.

Thais Albuquerque Figueiredo e Karolaine da Silva Oliveira encerram essa edição com o artigo intitulado “*Nem são gente, nem são humanos, então são o que?*”: discursos de ódio e a negação do outro, abordando o caso de racismo, cometido durante o evento ATL realizado na Universidade Federal do Acre (Ufac), no ano de 2019, alisando a matéria “Indígenas repudiam atos de racismo em evento na Ufac”, disponível no jornal “A Tribuna”, edição nº 6.707, de 25 de maio do mesmo ano, no qual se relata a discriminação racial contra os indígenas realizada por funcionários e estudantes da instituição federal, em que compreendem o racismo como um crime que possui suas raízes no passado, sendo resultado da colonialidade que criou a ideia de raça e organização hierarquizante estando ainda muito presente em nossa sociedade atual, colocando sobre todos a responsabilidade de combatê-lo.

Assim, com muitas discussões importantes, a Refir entrega a comunidade acadêmica, bem como a comunidade externa em geral, uma edição repleta de textos e estudos voltados para a desconstrução do racismo na sociedade brasileira, conversando com diversas áreas do conhecimento, a fim de uma perspectiva antirracistas nos ambientes aos quais estamos inseridos e nos processos de construção de conhecimento. Nesse sentido, na certeza de abrilhantar ainda mais esse Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha desejamos uma maravilhosa leitura de nossos textos, e nos vemos nas trincheiras das lutas antirracista.

Ubuntu!

Me. Maycon David de Souza Pereira

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Acadêmico de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac)
Coordenador de Ensino e Publicações do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da
Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac)
Editor Gerente da Revista Em Favor de Igualdade Racial (Refir)